



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-281-4

DOI 10.22533/at.ed.814192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aproximar as diferentes áreas do saber com a finalidade de propor reflexões e contribuir com a formação dos sujeitos significa potencializar as habilidades que cada um traz consigo e, ao mesmo tempo, valorizar os múltiplos saberes, correlacionando com as questões que necessitam ser reestruturadas.

Neste terceiro volume da coletânea, os propósitos comunicativos e de divulgação científica dos conhecimentos produzidos no campo das Letras, Linguística e das Artes são cumpridos por aproximar e apresentar aos leitores vinte e nove reflexões que, certamente, problematizarão as questões de trabalho com as ciências da linguagem e da atuação humana.

O autor do primeiro capítulo problematiza o processo de letramento dos sujeitos com deficiência visual, destacando a relevância do trabalho de revisão textual em Braille e da atuação do profissional Revisor de textos em Braille, ampliando as questões referentes à inclusão e às políticas de acessibilidade. No segundo capítulo, os autores abordam as dificuldades referentes à leitura e produção textual nas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma instituição da Rede Pública. No terceiro capítulo é apresentado um relato do processo de redução orquestral para piano da Fantasia Brasileira de Radamés Gnattali, composta em 1936.

No quarto capítulo são apresentadas as observações na recepção do leitor/receptor com a poesia, na leitura de poemas escritos e multimodais e como a sonoridade interfere na interpretação dos poemas e a proximidade do leitor com tal tipologia. No quinto capítulo, o autor propõe como reflexão o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil, considerando os fatores socioculturais e linguísticos. No sexto capítulo é tematizado o sentido da arte para o público que agiu como coautor de uma instalação artística realizada no espaço expositivo de uma instituição mineira.

No sétimo capítulo, o autor apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas do escritor Euclides da Cunha, nos livros *Os Sertões* e *Um paraíso perdido*. No oitavo capítulo, o autor revela as etapas de realização do I Salão Global da Primavera. No nono capítulo, a autora analisa como as animações do Studio Ghibli, sob comando dos diretores Miyazaki e Takahata como desenvolvimento do cinema japonês.

No décimo capítulo, os autores abordam sobre o processo histórico de revitalização do Nheengatu ou Língua Geral Amazônica. O décimo primeiro capítulo tece sintéticas considerações no processo de reconhecimento e metodologias para o ensino de Arte. No décimo segundo capítulo são discutidas as abordagens sobre gênero e como tais questões estão presentes na obra *O Matador*, da escritora contemporânea Patrícia Melo.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a participação da mulher no processo histórico de consolidação do samba de raiz. No décimo quarto capítulo, o ensino de Literatura aos alunos com surdez simboliza o objeto de letramento dos sujeitos. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta um estudo de caráter

documental, reunindo e expondo as informações referentes à poesia Sul-matogrossense, de Dora Ribeiro.

No décimo sexto capítulo, o autor faz uma leitura ampla do disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997, do Racionais MC's. No décimo sétimo capítulo, o autor aborda as noções de veracidade e verossimilhança em *No mundo de Aisha*. No décimo oitavo capítulo a discussão volta-se para a questão da mobilidade acadêmica internacional de estudantes brasileiros, como forma de produção do conhecimento além-fronteiras. No décimo nono capítulo há uma reflexão crítica a respeito dos discursos do sucesso na sociedade atual, tendo como instrumental teórico e metodológico a *Análise do Discurso* derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

No vigésimo capítulo, os autores expõem a cultura togolesa em relação aos aspectos econômico, social, educacional e ambiental. No vigésimo primeiro capítulo, os autores utilizam na discussão do trabalho a pesquisa autobiográfica proposta por Joseph Campbell. No vigésimo segundo capítulo, o autor traz à discussão a temática da luta contra a ditadura do teatro brasileiro, enfatizando a escrita e a atuação de Augusto Boal.

No vigésimo terceiro capítulo, a autora discute a valorização da identidade nacionalista em consonância com a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina. No vigésimo quarto capítulo, os autores disseminam reflexivamente alguns conceitos sobre a importância do solo no ambiente escolar como estratégia aproximada dos saberes e da promoção formativa de uma consciência pedológica. No vigésimo quinto capítulo, o Canto Coral é discutido como atividade integradora e socializadora para os participantes, promovendo, sobretudo, o aprendizado musical.

No vigésimo sexto capítulo, o autor problematiza a condução da dança de salão, além de enfatizar questões acerca da sexualidade, comunicação proxêmica e relações de poder com base em alguns conceitos discutidos no trabalho. No vigésimo sétimo capítulo são apresentados os resultados da pesquisa *A identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*. No vigésimo oitavo capítulo, o autor discute e apresenta as influências da Era Digital na produção e recepção literárias na narrativa transmídia. E no vigésimo nono e último capítulo, as autoras refletem sobre as experiências poéticas e discutem as noções estéticas das práticas artísticas humanitárias.

É nessa concepção que a compilação dos vinte e nove capítulos possibilitará a cada leitor e interlocutor desta coletânea compreender que o conhecimento estabelece conexões entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, a produção organizada do conhecimento na experiência dos interlocutores desta Coleção abre caminhos nas finalidades esperadas nas habilidades de leitura, escrita e reflexão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O LETRAMENTO NA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS QUESTÕES DE REVISÃO TEXTUAL EM BRAILLE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8141924041	
CAPÍTULO 2	14
FÁBULAS, PROVÉRBIOS: TECITURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Jean Brito da Silva	
Lindalva José de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.8141924042	
CAPÍTULO 3	24
FANTASIA BRASILEIRA PARA PIANO E ORQUESTRA DE RADAMÉS GNATTALI: RELATO DO PROCESSO DE REDUÇÃO ORQUESTRAL	
Cláudia de Araújo Marques	
DOI 10.22533/at.ed.8141924043	
CAPÍTULO 4	34
FRUIÇÃO NA RECEPÇÃO POÉTICA E OS IMPACTOS DA SONORIDADE NESSE PROCESSO	
Lavínia dos Santos Prado	
Letícia Gottardi	
Wilker Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.8141924044	
CAPÍTULO 5	49
INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO”	
Victor Carreão	
DOI 10.22533/at.ed.8141924045	
CAPÍTULO 6	56
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELO PÚBLICO: O CORPO COMO LÓCUS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO E ESTÉTICO	
Adriana Vaz	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8141924046	
CAPÍTULO 7	69
METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DE EUCLIDES DA CUNHA	
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	
DOI 10.22533/at.ed.8141924047	
CAPÍTULO 8	83
O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO	
Aguinaldo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.8141924048	

CAPÍTULO 9	97
O MODELO DE CINEMA DO STUDIO GHIBLI, QUE CONQUISTOU OS JAPONESES	
Luiza Pires Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.8141924049	
CAPÍTULO 10	107
O NHEENGATU NO RIO TAPAJÓS: REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA	
Florêncio Almeida Vaz Filho	
Sâmela Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240410	
CAPÍTULO 11	123
PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE	
Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.81419240411	
CAPÍTULO 12	135
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM <i>O MATADOR</i> , DE PATRÍCIA MELO	
Naira Suzane Soares Almeida	
Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240412	
CAPÍTULO 13	146
SAMBA DE RAIZ: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TESTEMUNHO FEMININO	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
DOI 10.22533/at.ed.81419240413	
CAPÍTULO 14	161
SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O ENSINO DE LITERATURA E OS ALUNOS SURDOS	
Mirian Theyla Ribeiro Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.81419240414	
CAPÍTULO 15	175
DORA RIBEIRO: ESBOÇO DA VIDA E OBRA	
Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.81419240415	
CAPÍTULO 16	192
<i>SOBREVIVENDO NO INFERNO</i> : DE ONDE VEM O RACIONAIS?	
Rodrigo Estrella Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240416	
CAPÍTULO 17	205
VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA N'O <i>MUNDO DE AISHA</i>	
Antonio do Rego Barros Neto	
DOI 10.22533/at.ed.81419240417	

CAPÍTULO 18	222
UM OLHAR DIALÓGICO PARA A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES BRASILEIROS	
Vilton Soares de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.81419240418	
CAPÍTULO 19	240
A FORÇA DAS PALAVRAS: OS SENTIDOS DO SUCESSO	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.81419240419	
CAPÍTULO 20	250
A CULTURA AFRICANA: CASO DA REPÚBLICA DO TOGO	
Omar Ouro-Salim	
José Eduardo Machado Barroso	
Marcela Cabral Mendes Barroso	
Fausto Teodoro Neves	
DOI 10.22533/at.ed.81419240420	
CAPÍTULO 21	262
A JORNADA DO HERÓI COMO METODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	
Ítalo Franco Costa	
Cláudia Mariza Mattos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.81419240421	
CAPÍTULO 22	272
A LUTA CONTRA A DITADURA DO TEATRO BRASILEIRO: AUGUSTO BOAL E A <i>PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO</i>	
Daniele Severi	
DOI 10.22533/at.ed.81419240422	
CAPÍTULO 23	284
A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA	
Susane Martins Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240423	
CAPÍTULO 24	296
O TEATRO DE FANTOCHES COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA SOLO EM SALA DE AULA	
José Ray Martins Farias	
Josiele Carlos Fortunato	
Paulo Cesar Batista de Farias	
Ivson de Sousa Barbosa	
Francisco Laires Cavalcante	
Adriana de Fátima Meira Vital	
DOI 10.22533/at.ed.81419240424	

CAPÍTULO 25	307
CANTO CORAL COMO AGENTE DE INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Karen Zeferino	
Andréia Anhezini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240425	
CAPÍTULO 26	312
DANÇA DE SALÃO E NOVOS CONCEITOS DE CONDUÇÃO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA SEXUALIDADE, COMUNICAÇÃO PROXÊMICA E RELAÇÕES DE PODER	
Bruno Blois Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240426	
CAPÍTULO 27	325
TECENDO A IDENTIDADE PARA POTENCIALIZAR A SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS LOCAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Mercedes Lusa Manfredini	
Bernardete Lenita Sisuin Venzon	
DOI 10.22533/at.ed.81419240427	
CAPÍTULO 28	334
“O MENINO QUE SOBREVIVEU”: O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i> NA ERA DIGITAL	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.81419240428	
CAPÍTULO 29	342
CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA)	
Tatiana Vieira Terra	
Karina e Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.81419240429	
CAPÍTULO 30	354
O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS	
Fernanda Carneiro Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.81419240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	366

REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM *O MATADOR*, DE PATRÍCIA MELO

Naira Suzane Soares Almeida

UFPI, PPGEL– NUEHIS/CNPq

Teresina-Piauí

Algemira de Macedo Mendes

UESPI-UEMA, PPGEL

Teresina-Piauí

RESUMO: Este trabalho discutirá as abordagens sobre gênero e como estas questões estão presentes na obra *O Matador* (2002), da escritora contemporânea Patrícia Melo. Trata-se de um romance policial que é narrado em primeira pessoa por Máiquel, uma espécie de anti-herói, morador do subúrbio na cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo. Em *O Matador*, de Patrícia Melo abordaremos principalmente a representação de gênero a partir das personagens Cledir e Érica mostrando os estereótipos femininos presente nestas. Este estudo apoia-se nos proposto teórico de Adichie (2015), Beauvoir (2016), Butler (2010), Foucault (1987), Hall (2002), Lauretis (1994), Scott (1995) entre outros. A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa será de natureza básica com abordagem qualitativa e análise descritiva dos dados. A pesquisa bibliográfica será realizada tendo como referencial a obra *O Matador* de Patrícia Melo. Conclui-se que Érica na obra *O matador*, de fato deixa de ser o Outro e passa a ser o sujeito,

obtendo desta maneira voz e vez. No entanto, Cledir permanece como tendo o estereótipo de mulher submissa, pois tudo suporta, no entanto ao final tenta confrontar o marido verbalmente, mas acaba sendo assassinada por ele.

PALAVRAS-CHAVES: Representação de gênero. Literatura contemporânea. *O Matador*. Estereótipos femininos.

ABSTRACT: This article will discuss the approaches on gender and how these issues are presented in *O Matador* (2002), a novel by the contemporary writer Patricia Melo. It is a police novel narrated in the first person by Máiquel, a kind of anti-hero, who lives in the suburbs of São Bernardo do Campo, in São Paulo. In *O Matador*, by Patricia Melo, we will mainly address representation of gender from the characters Cledir and Érica, showing their female stereotypes. This study is supported by Adichie (2016), Beauvoir (2009), Butler (2010), Foucault (1987), Hall (2002), Lauretis (1994), Scott (1995), among other authors. The methodology used to carry out this research will be of a basic nature with qualitative approach and descriptive analysis of the data. The bibliographical research will be carried out with reference to the work *O Matador* by Patricia Melo. It is concluded that Erica in the work *The matador*, in fact ceases to be the Other and happens to be the subject, obtaining in this

way voice and time. However, Cledir remains as having the stereotype of submissive woman, because everything supports, nevertheless in the end tries to confront the husband verbally, but ends up being assassinated by him.

KEYWORDS: Gender representation. Contemporary literature. *The Matador*. Female stereotypes.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No livro *Sexo Gênero e Sociedade* (1972) de Ann Oakley, o gênero está associado às diferenças anatômico-fisiológicas e gênero ao feminino e masculino relacionado socialmente as diferentes culturas. O termo ‘gênero’ transforma-se ao longo da história se diferenciando do termo ‘sexo’ e vai deixando de ser considerado como biológico, passando assim a se levar em conta as relações sociais, políticas, econômicas, culturais sujeitas a mudanças. As concepções de gênero foram criadas a partir da união de vários teóricos: ideólogos da “revolução sexual”, teoria crítica da sociedade, construtivistas sociais, existencialistas ateus e feminismo de gênero. Os ideólogos da ‘revolução sexual’ Theodor Adorno e Max Horkheimer criticaram a sociedade burguesa, bem como ao marxismo-leninismo dogmático, propondo um comunismo aberto para torna-se conhecido Ocidente – Europa e América. Em seu uso mais atual gênero está associado ao substantivo mulheres, entretanto não possui a carga política que este leva. Enfatizando que falar de gênero não se restringe a falar apenas de mulheres.

O movimento feminino começou a ser fortalecido desde o século XIX, e já passou por inúmeras conquistas no século, porém não é por essa razão que o movimento se acomodou, pelo contrário, em pleno século XXI há passeatas, palestras, mesas redondas, atos públicos de nudez e muitas outras ações com a finalidade de reivindicar a igualdade de direitos para todos e todas. A revolução francesa foi o pontapé inicial para que as mulheres reivindicassem o direito ao voto e conseguissem o sufrágio. O movimento feminista brasileiro apenas se consolidou como movimento de massa a partir de 1970, no contexto da luta com a ditadura militar, antes havia se pouco espaço para as escritoras brasileiras. Antes a literatura feminina era pouco explorada pela história da literatura. A mulher como escritora representa uma ruptura dos modelos sociais propagados na década de 40, assim deixando de ser o Outro e passando a ser sujeito em sua própria história, história essa que outros haviam escrito e que foi preciso coragem para dar voz a algo silenciado e ‘naturalizado’, saindo da condição de subalternidade e passando desta maneira a sujeito de sua própria história.

Na literatura contemporânea brasileira pode-se destacar Clarice Lispector, escritora feminista que teve destaque na década de 40, que inseriu em suas obras um caráter psicológico e denso, falando assim sobre a mulher, as relações desta com o espaço, as relações de poder, a miséria, dentre outros temas. Começou sua carreira jornalística no Jornal Correio da Manhã escrevendo na coluna “Correio Feminino”. Já na década de 60 trabalhou no Diário da Noite com a coluna “Só Para Mulheres”. Já no

século XXI pode-se deixar a escritora Patrícia Melo que, de acordo com uma entrevista concedida para a *Entrelinhas*, é escritora romancista e argumentista, contudo iniciou sua carreira como roteirista e dramaturga. É seguidora do estilo literário de Rubem Fonseca que retrata a violência e as mazelas sociais. Publicou *Acqua Toffana* (1994), *O matador* (1995), *Elogio da mentira* (1998), *Inferno* (2000), *Valsa Negra* (2003), *Mundo perdido* (2006), *Jonas, o copromanta* (2008), *Ladrão de cadáveres* (2010) e *Escrevendo no escuro* (2011).

Seu romance *O matador* foi indicado ao Prix Femina, um dos mais prestigiosos prêmios literários da França e conquistou o também francês Deux Océans. Em 2003, virou filme com o título de *O homem do ano*, com roteiro de Rubem Fonseca e direção de José Henrique Fonseca. Esses elementos colaboraram positivamente para escolha do objeto de análise proposto.

A obra em análise tem narração marcada por forte determinismo e certa ideia de fatalidade perseguindo os personagens. Possui orações curtas lembrando aos diálogos fílmicos. E tem como pano de fundo o rapper, o uso de linguagem simples, permeada de onomatopeias, segue uma sequência cronológica da narração, e tem uma gama de personagens para representar a classe pobre do subúrbio, a classe média com policiais e a classe alta com advogados, políticos e empresários.

O romance *O matador*, de Patrícia Melo, é composto de 40 capítulos, foi publicado em 1995. Trata-se de um romance policial que é narrado em primeira pessoa por Máiquel, uma espécie de anti-herói, morador do subúrbio na cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo. A narrativa mostra a transformação do mesmo a partir de uma aposta de futebol em que seu time perde. Em seguida há uma série de acontecimentos: um erro no salão que, por conseguinte o deixa loiro, uma briga de bar levando-o a um duelo no dia seguinte, e uma dor de dente. Assim ele mata o primeiro homem e torna-se respeitado no bairro em que habita.

O objetivo geral da pesquisa é apontar a representação de gênero nas personagens femininas em *O Matador*, de Patrícia Melo, através das personagens Cledir e Érica, mostrando os estereótipos femininos presente nestas, na década de 90. Destacam-se aqui dois pontos: a obra foi escrita nos anos 2000, mas retratam os anos 90, naquela época no Brasil o movimento feminista estava em processo de afirmação, estruturando-se em organizações não governamentais e governamentais, paralelamente aliada ao CNDM conseguiu aprovar 80% das propostas, incluindo licença maternidade de 120 dias a criação de uma licença-paternidade, benefícios sociais e direitos trabalhistas para empregadas domésticas, direito ao divórcio, além de artigos garantindo a igualdade entre mulheres e homens independentes de cor/raça. Foi só na década de 90 que os estudos de gênero ganharam o horizonte que possui atualmente nas universidades brasileiras.

Algumas perguntas foram norteadoras para nossa pesquisa: Como são representadas as abordagens históricas do termo gênero? Por que Cledir pode ser relatada como sendo o Outro? E como se pode comprovar que a personagem Érica

deixa de ser o Outro e passa a ser sujeito? A metodologia aplicada é a análise da narrativa em questão com análise descritiva dos dados.

2 | MARCO TEÓRICO

Este estudo apoia-se nos proposto teórico de Adichie (2015), Beauvoir (2016), Butler (2010), Bourdieu (2010), Chauí (2004), Foucault (1987), Hall (2002), Lauretis (1994), Saffioti (2004), Scott (1995), dentre outros (as).

No texto *A tecnologia do gênero: tendências e impasses*, de Teresa de Lauretis (1994), ela mostra como era representado o conceito de gênero como diferença sexual nas décadas de 60 e 70. Por conseguinte criaram espaços “gendrados” (marcados pela particularidade de gênero), provocando um enquadramento e criando estereótipos. Primeiro afirma-se que não se pode reduzir a uma mera oposição biológica entre a mulher e o homem como ambos universalizados. Segundo que deve se sair de um molde epistemológico radical do pensamento feminista tornando a mulher como elemento oposto ao homem imaginando-a como produto secundário de uma sociedade patriarcal, portanto a autora defende que precisa ser desconstruída a imbricação de gênero. Concluindo este pensamento (LAURENTIS, 1994, p. 211) “gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe”.

O gênero representa também um grupo de indivíduos através da sua ideologia, é o caso do machismo na personagem Máique que neste fragmento revela bem esta ‘cultura’ sua e de sua família, Melo (2005, p. 21):

Na minha família, os homens não costumam chorar. Não por causa de machismo, embora sejamos machistas. Não choramos porque também não rimos, não abraçamos, não beijamos e não dizemos palavras gentis. Não mostramos nada do que acontece embaixo da nossa pele. Isso é educação. Meu avô era assim, meu pai era assim e meus filhos serão educados dessa maneira. Nunca chorei na frente de ninguém, exceto naquele dia. Chorei, soluzei, eu matei um homem, chamei a polícia, eu vou me entregar.

Ser homem não implica em não mostrar suas emoções e ser autoritário, mas de acordo com a visão da personagem da década de 90, o homem era quem detinha o poder de opressão e a fragilidade estava (e ainda está) intimamente relacionada ao comportamento das mulheres. Entende-se que o homem jamais poderia demonstrar educação, gentileza e amor.

No livro *O Segundo Sexo* (2016) de Simone Beauvoir, as discussões na década de 40 ainda são muito atuais, a mulher não deixa de ser o Outro, o segundo sexo, vista como objeto ou padrão estético de beleza. A autora defende que a mulher não se reduz à fêmea, pois está muito além da mera reprodução. Ao contrário do que Aristóteles imaginava que o feto era gerado pelo encontro do mênstruo com o esperma, a mulher era apenas uma matéria passiva, sendo o homem representante da vida. Essa teoria

se propagou desde a Idade Média até à época moderna.

A afirmação que o mundo sempre pertenceu aos machos pode ser explicada, pois de certa forma os homens conseguiram dominar, porque não é dando a vida como a mulher, e sim arriscando-a que o homem tem sua superioridade, já que apenas eles tinham o direito de participar das expedições. (BEAUVOIR, 2016, p. 338) “sendo a mulher um objeto, compreende-se a maneira pela qual se enfeita e se veste modifica seu valor intrínseco. (...) É para se vestir que muitas mulheres se prostituem ou arranjam que ‘as ajude’.”.

Na obra *O matador* a personagem Érica perde a sua fonte de sustento que é Suel, seu namorado, e vai atrás de Máiquel, o seu assassino, em busca de abrigo e dinheiro para que ele ‘a ajude’.

O marido é quem tem que trabalhar, Suel dizia isso. Eu não sei fazer nada. Tenho quinze anos e nunca trabalhei, o Suel cuidava de mim. ...A mãe do Suel... Ela me botou para fora de casa... Você que tem que me sustentar. Tem que me aguentar. Tem que dar comida, roupa, o que eu precisar (MELO, 2009, p. 47).

A personagem é uma mulher jovem, pobre, sofrida e submissa. E enxerga sua posição como “natural”. Seu namorado Suel possuía uma visão antropocêntrica quando ele afirma “que o marido tem que trabalhar”, e Érica tinha apenas que cuidar dos afazeres domésticos da casa. Beauvoir afirma que a mulher é o outro, na posição de subalternidade, essas relações de poder que são postas na teoria antropocêntrica como naturais.

A partir de uma experiência empírica, Chimamanda Ngozi Adichie observou que as mulheres eram também tratadas como o Outro. Em seu livro *Todos devemos ser feministas* (2015), a escritora feminista, faz uma série de denúncias sociais sobre a discriminação de gênero com enfoque na mulher, as relações hierárquicas dos homens sob as mulheres e a não aceitação disto como ‘normalidade’, e o alerta que a autora faz na forma de criação dos filhos homens que não se deve reprimir o medo, a fraqueza e a vulnerabilidade. (ADICHIE, 2015, p. 29) “quanto mais duro um homem acha que deve ser, mais fraco será seu ego”. E completa que feminista é a mulher ou o homem que assume que ainda hoje há problemas de gênero e que todos devem melhorar.

No livro *A dominação masculina* (2010), de Pierre Bourdieu, o autor coloca seu ponto de vista sobre essas assimetrias, em sua opinião as mulheres devem fazer uma ação política em conjunto com os homossexuais através de um movimento social para lutar contra a discriminação simbólica tendo força para desestabilizar as instituições, estatais e jurídicas, que ajudam a massificar sua subordinação. O autor afirma que o homem é também produto da dominação.

Conforme (BOURDIEU, 2010, p. 18) “A visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. Apresentando sua opinião que as relações de sociais e as divisões de trabalho, baseado na anatomia entre o corpo masculino e o corpo feminino, são atribuídas como natural a diferencia social constituída pelo gênero, quando na verdade é algo construído. Desta

maneira a arbitrariedade é convertida de norma social a algo essencial. Assim na obra em análise a personagem Máiquel ver sua superioridade como algo naturalizado em relação à mulher. Ele não sabia que Cledir era virgem e, mesmo se soubesse, não faria diferente. O que conhecia sobre as mulheres era apenas a visão distorcida que elas gostavam de ser dominadas e pediam ou imploram por isso.

Perguntem o que elas querem e elas vão dizer: foda-me. Faça meu coração doer. Faça eu gritar. Faça alguma coisa. Vão dizer: espremam a fruta e tirem o suco. É isso. Mulheres gostam de tropas, cavalos, lanças, coisas que invadem e conquistam. Coisas que dominam e trazem paz. Coisas que ocupam e deixam marcas. Mulheres, Cledir, desculpe (MELO, 2009, p. 42).

A posição de dominador a Máiquel como sujeito do sexo masculino não tem a necessidade de nenhuma justificativa social, pois já é passada pela dominação simbólica como algo natural e por ser natural não precisa ser legitimada. Desta maneira a teoria dialoga com a obra literária quando Bourdieu (2010) explica que a oposição sobre os sexos se dá desde a Idade Média. Em varias relações, como exemplo, ele cita o direito civil e o ato sexual, onde se é pensado no princípio da masculinidade, onde “ser homem” implica ser superior e não mostrar os sentimentos, ser mais forte, ser ativo; e “ser mulher” resulta em ser frágil, passiva, submissa e honrada.

3 | ANÁLISE DA PERSONAGEM CLEDIR COMO SENDO O OUTRO

Cledir uma mulher branca, com cabelos negros tinha apenas vinte quatro anos, uma bela morena. Quando o conheceu fazia um curso de datilografia e trabalhava no Mappin fazia apenas dois meses. Ela se apaixona pelo rapaz quando ele lhe diz (MELO, 2009, p. 58) “que a vida sem amor era muito triste”.

A personagem sofre violência sexual. Este episódio na obra é mostrado quando a moça vai ao apartamento dele e com carinho tira a blusa e a saia e lhe dá um beijo no rosto, mas ele com dor de dente não retribui o gesto, então a moça começa a chorar e aí é que ele sente seu desejo aumentar, é quando o mesmo força a moça a fazer sexo de forma violenta e sem deixar nenhuma opção para ela. Veja o relato abaixo:

Cledir, eu gosto de você. ...Não vai embora, vou sim, não vai, não. Empurrei-a no chão, tentou se levantar, puxei-a pelos pés, ela caiu, bateu a cabeça, começou a chorar e isso me deu mais vontade de entrar na caverna, o abismo, a floresta, ela travou as coxas, gritou, eu tapei sua boca com almofada, abri suas pernas com meus joelhos, meti meu pau na floresta, parece que tinha uma parede dentro da boceta dela, derrubei a parede e gozei (MELO, 2009, p. 32-33).

A moça é estuprada sem nenhum escrúpulo por seu namorado, e é apenas depois do ato que se percebe o enorme erro que cometeu quando o mesmo vê seu falo todo ensanguentado, se dando conta que Cledir era virgem. Mesmo se ela não fosse virgem, que direito ele possuía de machucar aquela jovem? Pode-se concluir que nenhum, pois o nosso direito acaba quando o do outro começa.

Assim como na ficção no âmbito social a vítima de estupro geralmente são

mulheres (crianças, jovens e idosas), infelizmente foi descoberto que estupro ocorre com mais frequência do que se imagina e geralmente o homem é o agressor, e esse pode ser um estranho, mas majoritariamente são parentes (pai, marido, irmão, tio e etc.). De acordo com Saffioti (2003) as mulheres representam cerca de 90% do total das vítimas, e os homens como vítimas apenas 10% desde total. Esses dados são de 1992, que compreende o contexto histórico da obra.

A violência sexual é em grande medida violência doméstica. Na obra em análise a vítima é Cledir uma mulher de 22 anos cheia de sonhos. A mulher é vista como objeto de prazer, pois a sociedade corrobora para a cultura do estupro, levando para a obra alguns espectadores iriam se perguntar com que roupa Cledir estava, aonde ela estava, porque estava sozinha, e certamente de vítima seria transformada em réu. No fragmento abaixo a vítima confronta o agressor:

Tenho duas coisas importantes para te dizer: a primeira é que eu te amo. A segunda que você é um filho da puta miserável, ela disse. Grávida, eu estou grávida. ...você teve que estragar tudo. Teve que me magoar, me jogar no chão e me estuprar, sim, senhor, aquilo foi um estupro, coito forçado... Eu era virgem. Eu queria ter me apaixonado pelo Odair (MELO, 2009, p. 58).

A personagem é estuprada e engravida do namorado, o agressor, mas mesmo com toda a violência sofrida, a mesma perdoa seu namorado e logo após alguns dias volta a aquele apartamento para contar que está grávida dele. E ele a pede em casamento como uma forma de compensação. Ela o leva depois para fazer o pedido da sua mão para sua mãe.

Eu queria pedir Cledir em casamento, mas meus olhos grudaram no quadro que estava do lado da janela, Cristo numa cruz espacial caindo no mar, o mar que era também o planeta Terra. ...As duas me olhavam, duas mulheres descentes, de mãos dadas, a casa cheirando a cera, os móveis sem pó, as camas arrumadas, o bolo de chocolate, as cervejas, as panelas lavadas, os armários de fórmica, comecei a chorar ali mesmo, na frente das duas (MELO, 2009, p. 67).

Essa experiência vivida pela personagem, nos remete ao que a escritora Saffioti (2004) afirma quando diz que as mulheres possuem a capacidade de superar sofrimentos psicológicos e de suportar violências. A personagem pode ser comparada com Maria, a mãe de Jesus, tendo características como: santa, pura e fiel. “E Cledir me esperando para jantar. Criando o meu filho dentro da barriga, cozinhando, uma coisa pura, sincera, certa. (...) Cledir nunca iria me trair.” (MELO, 2009, p. 102). A virgem, rainha do lar, preparando a comida, limpando a casa e cuidando do bebê que ainda ia nascer. Trabalhando no Mappin sustentando as despesas da casa. Vestida com roupas recatadas, inspirando confiança.

Acreditar que todas as mulheres devem ter esses estereótipos de rainha do lar, a fiel, a submissa, a paciente, a que desiste de seus sonhos para agradar o marido e permanecer no casamento, são modelos sociais que vem de sociedades patriarcalistas. Desta maneira, pode-se desconstruir esse pensamento sobre uma identidade unificada na modernidade, pois Stuart Hall (2006) defende que:

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Pode-se afirmar que Hall (2006) defende múltiplas identidades e não apenas uma como assertiva, pois as sociedades modernas mudam rapidamente e constantemente. Essa é a principal diferença entre as “sociedades tradicionais” e as “sociedades modernas”. Encontra-se a figura do indivíduo isolado e alienado em meio à multidão, exemplo claro é do protagonista Máiquel que se torna inicialmente uma marionete para os poderosos eliminarem os “bandidos” (estupradores, ladrões, assassinos, e etc.). (MELO, 2009, p. 103) “Os caras me transformaram num kamikaze, um kamikaze ignorante que não sabia que o avião iria explodir. Hoje eu sei quem são os filhos da puta, os inventores de pilotos-suicidas, só de olhar para o sapato desses caras...”.

Continuando com essa reflexão Chauí (2004) afirma que em quanto houver separação entre o trabalho material e o trabalho intelectual haverá ideologia, pois o trabalhador simplesmente não saberá ‘pensar’ e o intelectual continuar aquele que não trabalha, a ideologia se perpetuará.

Cledir é morta por Máiquel depois que Érica pede para que ele mate sua esposa e justifica para ele que pessoas toda hora desaparecem com motivo ou sem motivo. Ele simplesmente mata a esposa sem pensar, totalmente drogado, havendo sim a intenção em matá-la.

...Cledir começou a bater na porta, abra, abra a porta, abra essa porta, abra essa porta, abra essa porta, abra essa porta, abri, ela começou a berrar comigo, eu ouvia tudo, entendia tudo, ela estava assustada, o ódio começou mesmo na boca e explodiu nas minhas mãos e eu apertei o pescoço de Cledir, apertei, apertei, apertei e só parei quando ouvi o osso do pescoço se partir (MELO, 2009, p. 137).

Nesse trecho acima narra a violência doméstica contra a mulher, ela que já sofria o descaso total do marido, que não dava a menor atenção à filha Samanta, porque só havia tempo para pensar em Érica e se drogar. Ela que já sofrido violência sexual quando for estuprada por este sujeito que dizia gostar dela, sofria violência psicológica em seu dia a dia e foi vítima de violência física quando for estrangula por Máiquel seu agressor, tratando-se de um feminicídio. Traçando um paralelo da ficção com o contexto social a escritora Saffioti (2004) afirma em seu livro *Gênero, patriarcado e violência* que quase a metade das investigadas brasileiras admitem ter sofrido algum tipo de violência por parte de homens.

4 | A PERSONAGEM ÉRICA COMO SUJEITO

Érica tinha apenas quinze anos, e já conhecia várias cidades através das viagens que fazia com seu pai caminhoneiro, gostava de estudar, se interessava por dicionários e almanaques. Há entre Máiquel e Érica um envolvimento amoroso. Ele se

apaixona pela jovem e a partir daí ela passa a ser vista como uma representação do seus desejos e fantasias, uma mulher objeto. E, além disso, Érica passa ser a vista como representação do “mal” para ele. Pode-se compará-la com Eva, a traidora, a dissimulada, a representação da tentação. “Érica era uma garota inteligente, e cada vez mais eu gosto dela. (...) Érica era sacana e iria me trair, Iria me trair, eu sentia isso em cada palavra que saía de sua boca.” (MELO, 2009, p. 102).

Como afirma Hall (2006) a identidade está sempre sendo formada, então não é algo estática, mas sim algo construído a partir das experiências de cada indivíduo. Costurando com a descrição de Érica, ela deixa de ser o Outro, quando morava com Suel seu ex-namorado, para se tornar sujeito impondo que Máiquel a sustente, já que o mesmo havia matado o seu financiador. A adolescente é considerada a frente de seu tempo em virtude de conhecer vários tipos de bebidas, drogas e pelo gosto a leitura.

Chauí (2004, p. 39) afirma que “o papel do Direito ou das leis é o de fazer com que a dominação não seja tida como uma violência, mas como legal, e por ser legal e não violenta deve ser aceita”. A personagem não mede esforço para fugir de casa quando se dá conta de que se ficasse com Máiquel também seria morta, Melo (2009, p.189) “...nascem e morrem, foder e morrer, enganar e morrer, fugir e morrer, trabalhar e morrer, criar e morrer...”. Érica escreve estes versos, pouco depois que Máiquel a ameaça dizendo que se ela o deixasse sairia de casa apenas morta.

Érica aproveita que Máiquel vai receber o prêmio de Cidadão do ano e pega o dinheiro que está no cofre e leva Samanta e a empregada com ela, agindo desta forma como sujeito diferentemente da esposa que foi estrangulada por ele. A narração (MELO, 2009, p. 197): “Levei a Samanta porque ela é minha filha e porque você não dá a mínima para ela. Peguei vinte mil dólares que estavam no cofre, sinto muito, mas eu tinha que fazer isso. Você está sem empregada, ela foi comigo”. A personagem vai embora e ainda leva Samanta, como no determinismo. Ela sabia que se ficasse ia morrer, utiliza do seu livre arbítrio para fugir. É quando ela se torna empoderada.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o objetivo da pesquisa foi alcançado. A análise das personagens, Cledir que pode ser relatada como sendo o Outro, conseguiu comprovar que a personagem Érica deixa de ser o Outro e passa a ser sujeito apresentando os estereótipos femininos que as sociedades patriarcalistas ditam como ‘naturais’. Cledir comparada a Maria, pura, fiel e trabalhadora, não seria capaz de trair a confiança de Máiquel em oposição a Érica, comparada a Eva, astuta, sedutora e instruída, que já seria capaz de traí-lo.

Érica na obra *O matador*, de fato deixa de ser o Outro e passa a ser o sujeito, obtendo desta maneira voz e vez, assim se apoderando sobre os acontecimentos, tendo sua liberdade de volta ao final quando foge com Samanta e não aguarda ser morta por Máiquel. No entanto, Cledir não se dava conta de como realmente era seu

marido. Estava ‘vendada’. Esse rapaz por quem se apaixonou nunca existiu. Aquela frase que ele havia dito no dia em que a conheceu no Mappin foi só para conquistá-la. Ao final, se dá conta disso, porém paga caro pelo erro com sua própria vida.

Culler em seu livro *Teoria Literária* (1999) nos fala que a teoria e escrita pós-colonial se transformaram numa possibilidade de intervir na construção da cultura e do conhecimento, a fim que todos conheçam o lado do oprimido e não apenas a versão do opressor, apesar de saber que Culler defendia o patriarcalismo. Pode-se concordar com a afirmação que se deve dar voz e vez para o oprimido.

A obra literária é uma forma de denúncia social e uma grande ferramenta para se dar voz aos oprimidos. Este romance contemporâneo possui inúmeros vieses, podendo ser abordados e discutidos, a violência, o poder, as relações de gênero e muitos outros, não se propondo aqui o esgotamento destas discussões, mas sim apenas a contribuição para enriquecer com os debates em torno da mulher e suas transgressões.

Esse trabalho é indicado a todos (as) que se interessam pela teoria feminista envolvendo a literatura contemporânea como forma de denúncia dos abusos de poder em sociedades patriarcalistas. As personagens Érica e Cledir de acordo com as comprovações de fragmentos da obra são consideradas ora como Eva e ora como Maria. Porém, as identidades como afirma Hall (2006) são frutos de modificações constantes, não podendo assim ser fixas. Pode-se concluir que é impossível ditar apenas dois padrões de identidades femininas, em vista que existe uma pluralidade de mulheres, e mais, alguém pode nascer com o sexo feminino, mas ter desejo pelo menos sexo. Deve-se levar em conta as relações sociais, a raça, o credo, a etnia e opção sexual, na formação de diversas identidades.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Todos devemos ser feministas**. Tradução de Simão Sampaio. 1. ed. Alfragide – Portugal: D. Quixote, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. Vol. 1.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrnad Brasil, 2010. p. 12-67.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 1980. Revisor José E. Andrade. Data da digitalização: 2004.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 10ª ed.

LAURETIS, T de. **A tecnologia do gênero.** In: HOLLANDA, H. B. de. Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MELO, Patrícia. **O matador.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

OAKLEY, Ann. **Sexo e gênero.** Traduzido por Claudenilson Dias e Leonardo Coelho. Revista Feminismos. Bahia: v. 4, n.1, p. 64-71, Jan/Abr, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.

SHOWALTER, Elaine. **A Crítica feminista no deserto.** In: Ana Gabriela Macedo (Org). Gênero, identidade e desejo: Antologia crítica do feminismo contemporâneo. Lisboa: Cotovia, 2002. p. 37-74.

VAZ, Glaucia Mirian Silva. **Função enunciativa em O matador e Mundo perdido, de Patrícia Melo:** constituição de posições-sujeito em enunciados sobre criminalidade. 1986- Dissertações (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2013.

ZOLIN, Lúcia Osana. **O matador, de Patrícia Melo:** gênero e representação. Revista Letras, Curitiba, UFPR, n. 71, p. 53-63, jan./abr. 2007.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-281-4

